

SABEDORIA EM PROVÉRBIOS – *As várias faces da realidade*

Valmor da Silva

“Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu.

tempo de nascer, e tempo de morrer,

tempo de plantar, e tempo de arrancar a planta” (Ecl 3,1-2)¹.

Assim começa o sábio Coélet os catorze pares de sentenças, na tentativa de abarcar a totalidade do agir humano. De maneira breve e lapidar, cada par é composto por duas expressões extremas, antagônicas, como nascer e morrer, que ilustram a dualidade em todos os aspectos da vida. A base da composição do poema reside exatamente na antítese de cada sentença².

Também os provérbios populares, de maneira simples e condensada, ilustram aspectos contraditórios e, ao mesmo tempo, abrangentes, como o seguinte:

“Os tristes acham que o vento geme; os alegres acham que ele canta”.

Há inclusive provérbios que manifestam a ambigüidade da vida humana quando, de maneira antagônica, um diz o contrário do outro, como neste elenco:³

“Longe dos olhos, perto do coração – O que os olhos não vêem, o coração não sente”.

“Rei morto, rei posto – Quem foi rei nunca perde a majestade”.

“As roupas não fazem o homem – O alfaiate faz o homem, ou boa aparência é carta de apresentação”.

“Depois da tempestade vem a bonança – Um problema nunca vem sozinho, ou Uma desgraça nunca vem sozinha”.

“Nunca deixe para amanhã o que você pode fazer hoje – Amanhã é outro dia”.

“Nunca é tarde para aprender – Cachorro velho não aprende novos truques, ou Boi velho não toma andadura”.

“Quem cedo madruga acha o que comer – Não é por muito madrugar que amanece mais cedo”.

“Ruim com ele, pior sem ele – Antes só do que mal acompanhado”.

1. Segue-se normalmente a tradução da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2002.

2. Confira José Vilechez Línchez, *Eclesiastés ou Qohélet*, São Paulo: Paulus, 1999, p. 216 (Grande Comentário Bíblico).

3. Citados por Ana Maria de Moraes Sarmiento Vellasco. 1996. In <http://www.deproverbio.com/DPbooks/VELLASCO/INTRODUCAO.html> p. 6-7.

Por vezes, um mesmo provérbio pode ter leitura ambígua. Outro pode ganhar nova interpretação. Nisso se revelam as diversas faces da realidade. Graças ao senso de humor, há provérbios que circulam com dupla versão, como os exemplos a seguir:⁴

“Depois da tempestade vem a bonança ou Depois da tempestade vem o lamaçal”.

“Quem espera sempre alcança ou Quem espera desespera”.

“Não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe ou Não há mal que sempre dure, nem mal que sempre se ature”.

Outros, ainda mais escrachados, traduzem a criatividade da juventude, como estes que circulam, de maneira anônima, na internet:

“Quem ri por último, é retardado”.

“Os últimos são sempre... desclassificados”.

“Quem o feio ama, é porque vê mal”.

“Quem dá aos pobres, fica com menos”.

“Há males que vêm para piorar”.

“Gato escaldado, morre”.

“Depois da tempestade, vem a gripe”.

Provérbios são formas literárias que transmitem sabedoria de maneira condensada. Partem de uma situação social e cultural concreta. Geralmente, apelam para uma metáfora, uma imagem tirada do dia-a-dia e, na maioria das vezes, do contexto rural, como chuva, galinha, macaco etc. Expressam-se de maneira concisa e poética, adquirindo grande valor estético. Servem para pensar e também para divertir.

Em razão de sua ligação com a realidade, os provérbios se adaptam às mais diversas situações. Podem ser traduzidos para outras culturas. Podem dizer o contrário do que expressavam originalmente. Podem mudar de sentido. Não possuem um significado absoluto, nem se atrelam a uma verdade única. Como manifestam as diversas faces da realidade, os provérbios são polissêmicos, isto é, podem adquirir vários sentidos⁵.

Paschoal Rangel⁶ fala de aparente contradição. O fato é que a realidade possui muitas faces, e os provérbios abrangem essa amplitude e diversidade.

Em outros termos, é possível falar em “ambivalências e limitações da sabedoria”⁷. Por sua força própria, a sabedoria, sobretudo expressa nos provérbios e máximas, pode servir a interesses diversos. Ela é normalmente a melhor maneira de comunicação entre o humano e o divino. Mas ela pode ser objeto de manipulação em favor

4. Citados por Ana Maria de Moraes Sarmento Vellasco, 1996, p. 23.

5. Conforme Adolfo Colombres, *Ediciones Juglaria*, Rosario/Argentina <http://edicionesjuglaria.com.ar/seccionC/archivosjuglaria/colombres9.htm> p. 4.

6. Confira Paschoal Rangel, *Provérbios e ditos populares – A sabedoria de nossa gente*, Belo Horizonte: O Lutador, 2003, p. 12.

7. CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, *Sabedoria e poesia do povo de Deus*, São Paulo: Loyola, 1993 (Coleção Tua Palavra é Vida, 4), p. 31.

do tradicionalismo, da prosperidade, do individualismo, do moralismo, e até mesmo do colonialismo. Essas ameaças são tanto mais perigosas quanto mais se avança pelos caminhos da Pós-modernidade, com sua visão diluída e fragmentada da história, da realidade e da vida humana.

É sobre estas abrangência e ambigüidade da sabedoria, expressas em provérbios, que o presente artigo quer se manifestar.

Sabedoria antiga e sempre nova

Os provérbios e as máximas populares, normalmente, transmitem a sabedoria dos antigos. São citados pela forma anônima, referida aos ancestrais, como dizia o pai, a avó, os antigos, os antepassados e assim por diante. Nesse sentido, conservam a tradição e se referem à Antiguidade.

“Se queres bom conselho, pede-o ao velho”.

Mas, por outro lado, é a sabedoria dos ditos populares que mais facilmente se adapta às novidades.

“Não chores coisas velhas com lágrimas novas” (para-choque).

“Em terra de cego quem tem um olho é rei e quem tem dois é muito malvisto”.
(popular).

No caso da Bíblia Hebraica, a sabedoria aparece como um tipo de literatura nova e diferente, após a Lei e os Profetas. Na verdade, porém, é a mais antiga tradição literária, expressa em forma oral. Ela corre de boca em boca, ao longo dos séculos, de pai para filho, conforme ilustra o hino de Deuteronômio:

“Pergunta ao teu pai e ele te contará,
interroga os anciãos e eles te dirão” (Dt 32,7).

Graças a essa memória sempre viva, os grandes feitos se conservam e se adaptam a novas realidades. Tornam-se profissão de fé viva quando, a cada celebração pascal, o filho mais novo pergunta ao pai o motivo da celebração (Ex 12,26), e torna-se oração, como no Salmo⁸:

“O que nos contaram nossos pais...
nós o contaremos à geração seguinte” (Sl 78,3-4).

Sempre fiel à sua tradição, e sempre aberta às inovações, a sabedoria judaica assimila influências das várias culturas circunstantes, com as quais mantém contato, ao longo de sua história.

A própria sabedoria recebeu diferentes conceitos, ao longo da Bíblia, chegando a ser identificada como pessoa. Ela é de natureza espiritual (Sb 1,4-6; 7,22), é uma figura feminina (Pr 8,2) e possui traços comuns com o *logos* ou palavra criadora divina (Sb

8. Conforme CONFERÊNCIA, p. 79.

9,1-2). No Novo Testamento, é atribuída principalmente a Jesus Cristo, o sábio, o Filho da Sabedoria ou a própria Sabedoria em pessoa⁹.

Ao longo da história cristã, a sabedoria já foi identificada com o Espírito Santo, com a Virgem Maria e com diversas santas. Até a própria sabedoria é reconhecida como tal, no primeiro grande templo dedicado a Santa Sofia. Com razão, Jesus elogia:

“Todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante ao proprietário que do seu tesouro tira coisas novas e velhas” (Mt 13,52).

Sabedoria erudita e popular

Diz um provérbio muito popular que
“A voz do povo é a voz de Deus”.

A afirmação se refere, normalmente, à razão da maioria democrática. Serve, igualmente, para reconhecer o valor da sabedoria popular. Provérbios, ditos e causos, com efeito, manifestam cultura ancestral, profunda, vivenciada, como ilustra o provérbio bíblico, de igual expressão na atualidade.

“Há amigos mais queridos do que irmão” (Pr 18,24).

Sendo o provérbio a cristalização de séculos de sabedoria popular, expresso em forma concisa, ele está na raiz do movimento sapiencial de todas as culturas. O provérbio popular, por ser anônimo, reflete a soma de muitas idéias e muitas experiências, finalmente expressas de maneira sintética e profunda. Nele se revela, de maneira privilegiada, a cultura popular.

Cultura popular é um conceito integrador. Não se opõe à cultura erudita. Supera a dicotomia entre popular e culto, espontâneo e acadêmico, senso comum e saber científico. Ultrapassa, também, o conceito de cultura popular como subproduto da cultura “cultura”¹⁰.

De fato, a distinção entre cultura erudita e popular é artificial. O que existe, realmente, é um capital cultural, do qual as sociedades se apropriam de maneira diferenciada. O eixo de análise está na carência. De acordo com a classe social, as pessoas têm maior ou menor apropriação da cultura. A classe dominante se apropria de mais capital cultural, mas isso não significa que é mais erudita que a classe média ou a popular¹¹.

Por seu apelo constante à metáfora, o provérbio em geral reflete o mundo rural¹². Desse nascedouro provém a maioria dos nossos provérbios, ditos, refrões e causos. Basta a lembrança, para que a memória o complete.

“De grão em grão...” “Água mole...” “Macaco velho...” “Depois da tempestade...”

9. Veja Jean-Noël Aletti, “As diferentes identificações da Sabedoria”, em Jean-Noël Aletti e Maurice Gilbert, *A Sabedoria e Jesus Cristo*, São Paulo: Paulinas, 1985, p. 60 (Cadernos Bíblicos, 32).

10. Confira Antonio A. Arantes, *O que é cultura popular*, São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 7-22 (Primeiros Passos).

11. Confira Pierre Bourdieu, *Coisas ditas*, São Paulo: Brasiliense, 1988.

12. Veja Nilton Fiorio, *Quem conta um conto... A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa*, Goiânia: UCG, 1995.

Também na Bíblia, os provérbios nascem como literatura popular. Assim são transmitidos, séculos afora. Sirva de exemplo a constatação sobre o mal que chama o mal, expresso de diversas formas na Bíblia, com paralelos em nossa cultura.

“Quem procura o mal, este o atingirá” (Pr 11,27), e “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”.

“Quem semeia a injustiça colherá a desgraça” (Pr 22,8), e “Quem semeia vento colhe tempestade” (confira Oséias 8,7).

Num determinado momento, os provérbios bíblicos são registrados pelos escribas, em geral em ambiente de palácio, como na corte de Salomão. Por isso mesmo, o rei Salomão passa a ser o patrono de toda a literatura sapiencial. Também por isso, há tanto provérbio de governo, de rei e de corte. E quem sabe quantos ditos populares se perderam, nesse processo.

É comum que os provérbios sejam subtraídos ao povo, e ganhem ares de erudição. Passam a ser atribuídos a determinados autores, e repetidos como citações, no estilo “como disse De Gaulle” ou “provérbios de Salomão”. Podem ser levados da roça para a cidade, como o seguinte:

“A cidade se alegra com a felicidade dos justos,
e quando perecem os ímpios há um grito de alegria” (Pr 11,10).

Sabedoria de culturas de lá e de culturas de cá

Se há um aspecto em que os provérbios mostram a sua força integradora, este é o da cultura. Não há limites de espaço para a manifestação dessa sabedoria popular, como não os há de tempo. Atravessam séculos, milênios às vezes e, sobretudo, rompem todas as barreiras geográficas. Constituem-se em espaço privilegiado para o exercício do que hoje se chama macroecumenismo. Muitos deles são simplesmente traduzidos ou adaptados de uma língua para outra, como os do exemplo seguinte¹³:

Em cavalo dado não se olham os dentes
Don't look a gift horse in the mouth
A cheval donné on ne regarde pas à la bride/aux dents
A caballo regalado, no se le mira el diente
Einem geschenkten Gaul sieht man nicht in's Maul
Donati non sunt ora inspicienda caballi.

Uma língua pode dar mais ênfase ao sentido que à outra, como neste, em que a metáfora se refere ao fuso da roca, isto é, ao rolinho que gira na haste de fiar¹⁴:

“Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso”.

13. Vários exemplos se encontram em Ana Maria de Moraes Sarmento Vellasco, 1996.

14. Inúmeros exemplos em Roberto Cortes de Lacerda; Helena da Rosa Cortes de Lacerda e Estela dos Santos Abreu, *Dicionário de Provérbios – Francês, português, inglês*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

Mesmo em Portugal, o provérbio tem variantes:
“Cada furo com seu parafuso”.
“Cada terra com seu uso, cada preta com seu luso”.

Em outras línguas, como italiano, espanhol, alemão e francês, o provérbio se converte em:

“Tantos países, tantos costumes” (en cada tierra, su uso).

Embora todo provérbio tenha tendência universal, sua concepção se dá em determinada realidade, como este, das estações do hemisfério norte, europeu, português, onde em dezembro é inverno:

“Ande o frio por onde andar, pelo Natal há de chegar”.

Provérbios indígenas transmitem sua sabedoria milenar, em paralelo com tantas outras culturas, como ilustra o seguinte provérbio quéchua¹⁵:

“Ima manun mana qopuna, ima aynin mana kutichina” (= Não há dívida que não se paga, nem ajuda que não se devolva).

De ampla riqueza e diversidade são os provérbios africanos. Basta conferir os seguintes provérbios, com alguns bíblicos¹⁶:

“Ao homem inteligente basta um piscar de olhos”.

“Ao tolo é necessária uma pancada” (baulês, etnia da África Ocidental)

“Nos lábios do prudente há sabedoria”.

“A vara é para o ombro do sem juízo” (Pr 10,13).

“Uma repreensão causa mais impressão no homem inteligente do que cem golpes em um insensato” (Pr 17,10).

Seriam incontáveis os provérbios orientais. Mais ainda os universais. Mesmo os de cada continente, nação, região, localidade e até de cada família ou de cada pessoa. Ocorre, por vezes, uma citação já conhecida em nossa cultura, com a referência de provérbio mexicano, ou vietnamita, ou estoniano, ou magrebino ou, quem sabe, de onde.

Resulta evidente a força desses ditos de sabedoria em ultrapassar barreiras culturais. Sem marca registrada e sem direitos de propriedade, eles possuem cidadania universal. Partem, porém, de contextos culturais precisos. Facilitam, por isso mesmo, o processo de transculturação ou interculturalidade.

No mundo bíblico não é diferente. Sabedoria é um movimento rico, amplo e difuso, que atravessa gerações, lugares e povos. O berço judaico assimila influência árabe, como no livro de Jó, e influência grega, como no livro da Sabedoria e Eclesiástico e, quiçá, do mundo egípcio e mesopotâmico circunstante, como no próprio livro de

15. Outros exemplos em Tomás Kraft, “Proverbios bíblicos y modernos”, em *Perú Biblia*, Lima, vol. 5, n.17, p. 4.

16. Citados por Etienne Charpentier (apresentação), *As raízes da Sabedoria*, São Paulo: Paulinas, 1983, p. 14 (CADERNOS BÍBLICOS, 28).

Provérbios. Mais surpreendente ainda é a força que a sabedoria bíblica tem em passar para outros povos e culturas.

Há capítulos inteiros da Bíblia atribuídos a estrangeiros, como as palavras de Agur (Pr 30,1-14), e as palavras de Lamuel (Pr 31,1-9), reis de Massa.

É amplamente estudada a influência da sabedoria egípcia sobre a judaica. Os Ensinamentos de Amenemopé, dos séculos XIII a XII aC, devem ter influenciado o livro de Provérbios, como nos seguintes exemplos¹⁷:

“Não despojes o fraco, por ser fraco, nem oprimas o pobre no julgamento” (Pr 22,22), comparado com “Cuidado para não roubar o necessitado e para não provocar violência contra o fraco” (Amenemopé, 2).

“Não te fatigues por adquirir a riqueza, não apliques nisso a tua inteligência” (Pr 23,4), comparado com “Não coloque sua mente atrás de riquezas, pois não há quem ignore Shai e Renener” (deusas do destino) (Amenemopé, 7).

Eis outro exemplo de semelhança com a cultura mesopotâmica, num provérbio de Aicar, sábio da corte assíria, do século V aC¹⁸:

“Garganta faminta acha doce todo o amargo” (Pr 27,7), em comparação com “A fome torna o amargo doce” (Aicar).

Israel, naturalmente, não era uma ilha cultural. Ao contrário, como corredor das nações, foi um caldeirão, onde vários elementos se fundiram. A corrente sapiencial permanece, portanto, como modelo dessa integração cultural e religiosa.

Sabedoria de pobre e de rico

O contraste entre pobre e rico é um dos temas preferidos em ditos populares e, principalmente, em frases de pára-choque de caminhão. Essas frases ironizam a riqueza, mas também a própria pobreza. Vertem, nessa ironia, a relação entre a abundância e a carência, entre o ser e o parecer, e entre o mandar e obedecer. Não falta, em geral, o viés cômico:

“É pensando ser rico que se fica pobre”.

“Rico acompanha procissão, o pobre persegue o santo”.

“Rico bêbado é divertido; pobre bêbado é pervertido”.

“Em enterro de pobre a família chora; em enterro de rico a família briga”.

Esses ditados simples e populares veiculam a palavra de pessoas oprimidas e marginalizadas. Traduzem sua resistência, através de uma atitude de vida alegre, de

17. Estudo com vários exemplos em Alviero Niccacci. *A casa da sabedoria – Vozes e rostos da sabedoria bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 48-64.

18. Para estes e outros exemplos, veja R.B.Y. Scott. *The way of wisdom in the Old Testament*, Nova Iorque/Londres: Macmillan, 1971, p. 40.

costumes culturais próprios e de expressões típicas de uma sabedoria diferente. Refletem, por vezes, a herança da sociedade com senhores e escravos:

“Manda o patrão no criado, o criado no gato e o gato no rato”.

A relação entre senhor e escravo é, naturalmente, perversa, porque traduz uma relação de opressor e oprimido. Por isso, interpretar provérbios implica também em opção de vida, pois:

“Cada qual puxa a brasa para sua sardinha”.

Um caso histórico é o da interpretação de dois provérbios, do mesmo livro do Eclesiástico, em dois capítulos próximos. Um deles serviu para justificar a escravidão dos índios, por parte dos colonizadores:

“Para o asno forragem, chicote e carga;
Para o servo pão, correção e trabalho” (Eclo 33,25).

Outro, logo adiante, serviu para converter Bartolomé de Las Casas em defensor dos índios, contra a escravidão pelos colonizadores:

“Escasso alimento é o sustento do pobre,
Quem dele o priva é homem sanguinário” (Eclo 34,25).

Provém da própria Bíblia essa dualidade, porque a Bíblia provém da própria vida. Os provérbios bíblicos, em geral, exaltam o valor do pobre. Mas há também os que o ridicularizam.

“O pobre é odioso mesmo para o vizinho,
mas são muitos os amigos do rico” (Pr 14,20).

A bem-aventurança da pobreza, contudo, percorre a Bíblia do início ao fim. Traduz a convicção de que pobreza é um valor e que riqueza é um perigo. Vai nisso, certamente, a experiência vivida e a memória transmitida de pessoas realmente pobres. Essa memória emerge, em inúmeras páginas de sabedoria.

“É melhor ser humilde com os pobres que repartir o despojo com os soberbos”
(Pr 16,19).

Na valorização do pobre, ele é equiparado ao próprio Deus. Significa que a opção divina é sempre pelo mais fraco.

“Quem zomba do pobre ultraja seu Criador.
Quem ri do infeliz não ficará impune” (Pr 17,5).

Citação paralela se lê em Pr 14,31 e, igualmente, em Lv 19,14, comparado com um ensinamento do egípcio Amenemopé¹⁹:

19. Citado pela *Bíblia de Jerusalém*, nota b, em Pr 17,5.

“Não rias de um cego, nem ridicularizes um anão, nem ofendas um doente... o homem é argila e palha, o Deus é o seu arquiteto”.

Seguindo a mesma argumentação, vários provérbios aprofundam essa convicção, com distintos matizes, como este que possui tradução popular:

“Quem faz caridade ao pobre empresta a Yahweh” (Pr 19,17), em paralelo com “Quem dá aos pobres empresta a Deus”.

Com razão, se encontra na boca do próprio Jesus um provérbio desse teor:

“É mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mc 10,25).

Sabedoria de homem e de mulher

Mulher é talvez o tema preferido de todos os ditos populares e frases de pára-choque. Para surpresa e decepção, em geral, vertem ironia, e reforçam idéias machistas, como os que seguem:

“Mulher e estrada, quanto mais curva mais perigosa”.

“Nas curvas do teu corpo, capotei meu coração”.

“Jogo, mulher e bebida, casa perdida”.

Está pressuposto que as frases sobre mulheres são escritas por homens. Há frases sobre homens, escritas por mulheres? Não parece, pois, mesmo aquelas que se referem aos homens, não deixam de fazer jogo sobre as chamadas qualidades masculinas, como nos exemplos:

“Homem é como fósforo, sem cabeça não vale nada”.

“Homem de juízo não diz o que faz, mas nada faz que não possa ser dito”.

É certo que há frases que exaltam as qualidades das mulheres, mas são raras, e insistem sobre a divisão de trabalho, como o tradicional “homem na praça e mulher em casa”:

“É a mulher que faz ou desfaz a casa” (árabe).

“A boa mulher é jóia que não tem preço”.

Nos provérbios bíblicos não deixa de transparecer a ambiguidade entre uma visão favorável e outra contrária à mulher. Há provérbios que exaltam valores femininos, enquanto outros os ridicularizam, como:

“Anel de ouro em focinho de porco é a mulher formosa sem bom senso” (Pr 11,22).

“Uma mulher forte é a coroa do marido, mas a mulher indigna é como a cárie nos ossos” (Pr 12,4).

“Encontrar uma mulher é encontrar a felicidade, é obter favor de Yahweh” (Pr 18,22).

A literatura sapiencial, e principalmente os provérbios, veiculam a resistência e o valor da mulher²⁰. Justamente o último capítulo do livro de Provérbios é um exaltado elogio às qualidades femininas. Pode-se contra-argumentar que se trata de uma visão masculina sobre a “perfeita dona-de-casa”, pois o poema não está isento do seu contexto cultural, mas não deixa de ser surpreendente afirmar:

“Quem encontrará a mulher talentosa?
Vale muito mais do que pérolas” (Pr 31,10).

Há também provérbios para falar ao homem sobre sua atenção à família e sua fidelidade à mulher amada:

“*Bebe a água da tua cisterna,
a água que jorra do teu poço*” (Pr 5,15).

Mas é na tradição da sabedoria personificada que mais se exalta a figura da mulher. A própria sabedoria é identificada com a figura feminina:

“A Sabedoria apregoa fora,
nas praças levanta a voz” (Pr 1,20).

Ela é anterior à própria criação e, qual menina formosa, brinca diante do criador para inspirá-lo ao criar o mundo:

“Brincava na superfície da terra,
encontrava minhas delícias entre os homens” (Pr 8,31).

Antes mesmo desse ideal, pela literatura sapiencial se observa o importante papel histórico da mulher como sábia, principalmente em sua função materna no processo de adaptação e socialização da criança. O rei Lamuel, em Pr 31,1-9, recebe da mãe as instruções sobre a arte de governar. E vários provérbios atestam a função materna na arte de instruir os filhos²¹:

“Meu filho, guarda os preceitos de teu pai,
não rejeites a instrução de tua mãe” (Pr 6,20).

No âmbito da sabedoria, enfim, a linguagem ganha particular expressão, e permite afirmar idéias indizíveis, como bem ilustram as metáforas do Cântico dos Cânticos:

“Entre o meu amado em seu jardim
e coma de seus frutos saborosos” (Ct 4,16).

Sabedoria de criança e de pessoa idosa

Tradicionalmente, se atribui a sabedoria às pessoas mais velhas, e o desconhecimento às jovens, como confirma o pensamento popular:

20. Veja CONFERÊNCIA, p. 152-156.

21. Confira Victor Morla Asensio, *Livros sapienciais e outros escritos*, São Paulo: AM Edições, 1997, p. 48-49.

“Na mocidade se aprende, na velhice se compreende”.

“Se o moço soubesse e o velho pudesse, não havia coisa que não se fizesse”.

“Macaco velho não bota a mão em cumbuca”.

“Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza”.

Também na Bíblia, muitos dizeres contrastam, nos idosos, experiência do conhecimento e debilidade física, e, nos jovens, vigor físico e inexperiência, como os seguintes:

“Nobre coroa são as cãs,
ela se encontra no caminho da justiça” (Pr 16,31).

“A beleza dos jovens é o seu vigor,
e o enfeite dos velhos, suas cãs” (Pr 20,29).

Mas, o contrário também é confirmado. Como há velhos sábios, há também os insensatos, e como há jovens inexperientes, há também os sábios. No provérbio seguinte, o contraste é ainda mais acentuado, pois o jovem é uma criança, em hebraico *yeled*, enquanto o velho é um rei:

“Mais vale um jovem (*yeled*) pobre e sábio do que um rei velho e insensato que não aceita mais conselho” (Ecl 4,13).

No livro de Jó, transparecem as duas realidades, em contraste. Nas palavras do velho sábio Jó, a sabedoria é prerrogativa dos idosos:

“Está nas venerandas cãs a sabedoria,
e o entendimento com os anciãos” (Jó 12,12).

Mas o jovem e prudente Eliú polemiza. Sempre questionador, introduz suas palavras acentuando a própria juventude. E, num belo provérbio, apresenta a prova:

“Não é a idade avançada que dá sabedoria,
nem a velhice a inteligência do que é justo” (Jó 32,9).

A valorização da juventude e, sobretudo, da criança, ganha um tratamento exemplar nas palavras e na prática de Jesus Cristo.

Enquanto eram trazidas criancinhas para que ele as tocasse, os discípulos tentam impedir, reproduzindo a mentalidade típica da época. Jesus porém reage, e ordena que venham, insistindo que delas é o Reino de Deus. E completa:

“Aquele que não receber o Reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele” (Lc 18,17).

Noutro momento, abre-se uma discussão entre os discípulos sobre quem seria o maior. O mestre não perde a oportunidade, toma do meio deles uma criancinha e a apresenta como modelo. A criança torna-se professora dos adultos:

“Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (Mc 9,35).

Concluindo

A leitura da sabedoria não é linear. Diferente da Lei e dos Profetas, ela segue uma lógica própria. Não deixa de mostrar os contrastes, as ambigüidades, as luzes e sombras. Os provérbios constituem amostragem privilegiada para ilustrar essa abrangência.

Assim sendo, a literatura proverbial ajuda a ler a realidade de nossa época. A Pós-modernidade se caracteriza justamente pela ameaça às grandes verdades e princípios que regem a história humana. A vida nos chega aos pedaços. Daí a fragmentariedade em tudo o que se vive.

Provérbios, ditos e sentenças condensam a sabedoria em migalhas. Sendo impossível concentrar todos os remédios numa pílula, cada comprimido cura uma doença diferente. Por isso, cada provérbio transmite um ensinamento.

No conjunto, abrangem toda a realidade. Tratam de vida e de morte, de amor e de traição, de alegria e de tristeza, de Deus e de satanás, de sagrado e de profano, de riqueza e de pobreza, do público e do privado, enfim, de tudo o que a vida possa abranger. E abarcam todas as faces da realidade.

O presente artigo quis ilustrar alguns aspectos, como a história (sabedoria antiga e sempre nova), a cultura (sabedoria erudita e popular), cultura e religião (sabedoria de culturas de lá e de culturas de cá), classe social (sabedoria de pobre e de rico), gênero (sabedoria de homem e de mulher) e geração (sabedoria de criança e de pessoa idosa).

Bibliografia

ALETTI, Jean-Noël. “As diferentes identificações da Sabedoria”, em Jean-Noël Aletti e Maurice Gilbert, *A Sabedoria e Jesus Cristo*, São Paulo: Paulinas, 1985 (Cadernos Bíblicos, 32).

ARANTES, Antonio A. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Primeiros Passos).

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CHARPENTIER, Etienne (apresentação). *As raízes da Sabedoria*. São Paulo: Paulinas, 1983 (Cadernos Bíblicos, 28).

COLOMBRES, Adolfo. *Ediciones Juglaría*, Rosario/Argentina.

<http://edicionesjuglaria.com.ar/seccionC/archivosjuglaria/colombres9.htm> acesso em 31/01/2009. 5 p. Acesso em 31/01/2009.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. São Paulo: Loyola, 1993 (Coleção Tua Palavra é Vida, 4).

FIORIO, Nilton Mario. *Quem conta um conto... A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa*. Goiânia: UCG, 1995.

KRAFT, Tomás. “Proverbios bíblicos y modernos”, em *Perú Biblia*, Lima, vol. 5, n. 17, 4p.

LACERDA, Roberto Cortes de; LACERDA, Helena da Rosa Cortes de; ABREU, Estela dos Santos. *Dicionário de Provérbios – Francês, português, inglês*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

MORLA ASENSIO, Victor. *Livros sapienciais e outros escritos*. São Paulo: AM Edições, 1997.

NICCACCI, Alviero. *A casa da sabedoria – Vozes e rostos da sabedoria bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1997.

RANGEL, Paschoal. *Provérbios e ditos populares – A sabedoria de nossa gente*. Belo Horizonte: O Lutador, 2003.

SCOTT, R.B.Y. *The way of wisdom in the Old Testament*. Nova Iorque/Londres: Macmillan, 1971.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento, 1996, em <http://www.deproverbio.com/DPbooks/VELLASCO/INTRODUCAO.html>. 29 p. Acesso em 31/01/2009.

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Eclesiastés ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999 (Grande Comentário Bíblico).

Valmor da Silva
Rua 94, n. 63, ap. 200
Setor Sul
74083-060 Goiânia/GO
lesil@terra.com.br